

FONTE : GM

CLASS. : A4R00 232

DATA : 13 12 90

PG. : capa/06

Confissão inesperada

por José Casado
de Xapuri

Em pé, de frente para os sete jurados e uma câmera de televisão, o paranaense Darcy Alves Pereira, 23 anos ("um rapaz muito revoltado porque foi criado pela madrasta", segundo a definição do seu pai), ficou silencioso por instantes.

O juiz acabara de lhe apresentar uma espingarda CBC, calibre 20, com coice e coroa de madeira, da qual teria partido o cartucho que produziu 42 perfurações de chumbo no torax de um homem, ao anoitecer de 22 de dezembro, dois anos atrás, em Xapuri, a 185 quilômetros de Rio Branco, capital do Acre.

A espingarda foi encontrada pela perícia próximo ao local do crime. Darcy não reconheceu a arma,

uma das principais provas do processo.

— Confirma ou nega que foi você mesmo quem praticou esse homicídio? — perguntou-lhe o juiz.

— Confirmo — ele respondeu, rápida e secamente.

— O juiz insistiu:

— Você praticou o crime contra Chico Mendes?

— Sim — disse, lacônico, quase murmurando.

— Vou pedir que você me detalhe esse acontecimento. Darcy, vamos recomeçar...

Sob o impacto dessa confissão começou, ontem, em Xapuri, o julgamento dos suspeitos do assassinato de Francisco (Chico) Mendes, líder dos seringueiros da região, morto na porta dos fundos de sua casa de madeira, de forma semelhante como outros 1,2 mil sindicalistas do Acre foram

emboscados nos últimos dez anos.

Talvez, um dia, Darcy venha a perceber a real dimensão do que fez, confesadamente, com o provável auxílio de outras pessoas, entre as quais seu pai, Darly Alves da Silva, 54 anos, um pecuarista semi-analfabeto, cuja biografia é resumida por uma extensa "folha corrida" policial, pontificada por envolvimento em crimes por encomenda desde sua cidade natal, Conselheiro Pena (Minas Gerais), até Umuarama (Paraná), onde residiu antes de vir para o Acre, na década de 70.

Mais do que apertar o gatilho — e há dúvidas sobre se, de fato, foi ele quem disparou —, Darcy, seu pai e o pistoleiro Jadeir Pereira, mais conhecido no submundo como "Mineirinho", virtualmente colocaram seu País no banco dos réus.

As imagens da sessão de ontem do julgamento em Xapuri, por exemplo, estavam sendo compradas por emissoras de televisão dos cinco continentes do planeta, que as disputavam junto ao "pool" liderado pela agência governamental Radiobrás/Agência Brasil.

Na platéia do modesto Fórum de Xapuri, espremiaram-se enviados de diferentes esferas do poder: do policial Romeu Tuma, chefe da Polícia e da Receita Federal, representante oficial do presidente da República, ao bispo Moacyr Grecchi, mandado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), do líder do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Sil-

va, a delegações de entidades de defesa do meio ambiente tão influentes como o Sierra Club, dos Estados Unidos.

O julgamento está mostrando, sem disfarces, o choque entre universos distintos dentro do mesmo país.

Há um Brasil dos Alves, cujo líder, Darly, é um misto de empresário rural e pistoleiro de aluguel ou de conveniência. Sua fortuna, modesta para os padrões dos criadores de gado da Amazônia, foi construída um pouco pela esperteza nos negócios, outro tanto pela força do gatilho e ainda uma parcela com a ajuda de "amigos", fazendeiros como ele, que detêm poder em regiões como Conselheiro Pena, Umuarama e Rio Branco.

Com os filhos, ele saiu do

(Continua na página 6)

JULGAMENTO DE CHICO MENDES

Confissão inesperada

por José Casado
de Xapuri
(Continuação da 1ª página)

oeste do Paraná, em meados dos anos 70, para colonizar a "nova fronteira" da Amazônia, onde o governo militar doava recursos (via incentivos fiscais) a quem quisesse se instalar e ali criar gado. Não foi só por isso: Darly, na verdade, fugia da polícia de Umuarama, onde acabara de assassinar um líder rural num conflito pela posse de terras.

Em Xapuri, Darly, seus filhos e suas quatro mulheres, encontraram o Brasil de Chico Mendes, líder dos seringueiros que trabalhavam, em média, 14 horas do dia no meio da floresta, andando até 30 quilômetros, colhendo látex para, no final do mês, conseguir no máximo US\$ 150,00, sem perspectivas, pois o preço internacional da borracha continua seu declínio histórico.

Os seringueiros dividem a floresta com índios e castanheiros. E têm ódio de quem desmata a terra: cada árvore derrubada significa-lhes menos tempo de sobrevivência no negócio, menos chance de viver longe das favelas nas cidades. Além do látex, a selva lhes dá água, lenha e alimentos. Cada boi na Amazônia, na leitura dos seringueiros, significa 1,3 hectare a menos de floresta.

A chegada dos Alves foi na época do início da abertura de grandes clareiras na selva. O governo doava recursos para isso e protegia os fazendeiros. Os seringueiros, como os liderados por Chico Mendes, começaram a fazer o que chamam de "empate" — toda vez que um criador ia desmatar uma área, eles ocupavam-na.

Em 1987, os Alves compraram um seringal inteiro, o "Cachoeira", nos arredores de Xapuri. Sua violência já era conhecida. Darcy e Olocyr, dois dos filhos, e os pistoleiros vindos de Minas Gerais já haviam deixado marcadas suas presenças em conflitos próprios ou de outros fazendeiros com os seringueiros.

Chico Mendes, um ativista político que sonhava com o socialismo no Brasil e, pouco tempo antes, lançara-se em campanha dentro e fora das fronteiras contra a violência rural no Acre, o desmate e a queimada da floresta, liderou um "empate" na recém-adquirida propriedade dos Alves. Fez mais: conseguiu do governo José Sarney sua desapropriação parcial e transformação em reserva extrativista.

— O senhor tinha algo contra Chico Mendes? — indagou o juiz a Darly, chefe dos Alves.

— Não senhor, não tinha nada que pudesse me levar a fazer mal para ele. O que

aconteceu foi normal (sobre o "empate" em Cachoeira).

— Mas o senhor nunca teve um atrito, diálogo com ele?

— Nunca tive atrito com Chico Mendes. Não fiz nada para merecer o que eles fizeram de mal para mim. Nunca tive mágoa dele. Nunca falei com ele, cheguei a pedir ao padre para ter uma conversa com ele, mas não consegui...

Darly tem um problema de dicção: não consegue pronunciar as letras "s" e "c"; costuma dizer "xeringal" ou "negócio", por exemplo.

A estratégia montada pelos advogados de defesa prevê a confissão de Darcy, o filho, e a afirmação de inocência do pai, Darly. Isso porque, tecnicamente, os dois são primários.

Darcy tem uma sentença, em suspenso por recurso. Meses antes do crime, ele e seu irmão, Olocyr, metralharam as portas de um órgão do governo federal em Xapuri, o então Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), onde sessenta seringueiros estavam negociando para impedir o desmatamento de um outro pedaço da selva amazônica. Vários ficaram feridos. Os irmãos Alves foram condenados, no ano passado, mas houve recurso e ainda não há sentença definitiva.

Darly não tem sentença, mas a prisão preventiva decretada em Umuarama. Foi Chico Mendes quem descobriu, denunciou à polícia de Xapuri, que recebeu um pedido de prisão imediata.

— Onde o senhor se encontrava antes da morte de Chico Mendes? — quis saber o juiz.

— Na fazenda, a polícia estava me procurando...

— Os policiais não o encontraram?

— Não.

— Mas o senhor estava lá?

— Estava. Almoçava e jantava lá todos os dias...

A promotoria acredita que compreendeu toda a estratégia da defesa logo no começo do julgamento: "Eles tentam inocentar o Darly e condenar o Darcy que, então, teria pena reduzida por ser primário", diz o assistente do promotor, Márcio Thomaz Bastos. "Mas vamos até o fim, vamos provar que Darly manda e Darcy obedece e deixar claro que há mais gente envolvida, que é preciso apurar."

Há indícios de que a morte de Chico Mendes foi "empreitada" por um grupo de fazendeiros de gado do Acre. A Polícia Federal estava nessa pista, até o início do ano passado. Mas o inquérito foi paralisado. Ninguém sabe por que. É outro dos mistérios do Brasil.